

4 JUL 1981

Sen.

“Aberta a sucessão”, diz Sarney

Da sucursal, do correspondente e do serviço local

O presidente do PDS, senador José Sarney, afirmou ontem em Brasília que “a sucessão estadual está nas ruas”, ao ser indagado se o recesso parlamentar de julho servirá para a intensificação de debates em torno do assunto pela presença de senadores e deputados junto às suas bases. Ele logo se corrigiu, retificando: “Já há aspirações definidas e elas serão mais numerosas quando as regras do jogo forem definidas”.

Para o líder do governo, deputado Cantídio Sampaio, não há ainda candidatos e sim “pré-candidatos”. Ele nega ainda que o Palácio do Planalto esteja estimulando a antecipação de candidaturas, seja para garantir a realização do pleito, seja para motivar o PDS: “O governo não incentiva nem desencoraja candidatos”.

No entanto, está sendo difícil ocultar a antecipação do debate, no próprio comando do PDS. O 1º vice-presidente do partido, Homero Santos, pretende o governo de Minas; e o secretário-geral, Prisco Viana, já se declarou candidato à sucessão na Bahia afirmando ainda à imprensa de Salvador que é “impossível” conter a discussão em torno da matéria.

No Estado do Maranhão, onde José Sarney exerce forte liderança desde que derrotou o falecido senador Vitorino Freire, e o PDS é favorito, já há pelo menos três candidatos da agremiação situacionista: o deputado Luiz Rocha, que aparece como o favorito do dirigente partidário, o vice-líder do governo, deputado Edison Lobão, e o biônico Alexandre Costa.

A política do Ceará vive praticamente em clima de campanha eleitoral, pela realização de encontros regionais semanais de seus mais importantes líderes pedessistas — o governador Virgílio Távora, seu antecessor, deputado Aduato Bezerra e o ministro de Minas e Energia, César Cals. Nessas reuniões, Bezerra é lançado ostensivamente candidato ao governo do Estado, para irritação dos partidários de Távora, que ora lançam o secretário de Planejamento, Luiz Nogueira Mota, ora o assessor especial do governo, ex-deputado Aécio de Borba, cunhado do senador opositor Mauro Benevides. O grupo de Cals pode apresentar a candidatura do chefe do gabinete do Ministério de Minas e Energia, general Luciano Salgado. O PDS espera ganhar, se puder recorrer a três sublegendas para harmonizar suas tendências mais importantes.

Em Minas, o biônico Murilo Badaró já apresentou à imprensa seus cartazes de propaganda e convidou jornalistas para um comício em Diamantina, a 1º de agosto, sendo esta a 300ª cidade mineira por ele visitada desde que se anunciou candidato à sucessão do governador Francelino Pereira.

SUCESSÃO PAULISTA

Em São Paulo, o ex-deputado estadual e ex-líder de Laudo Natel na Assembleia Legislativa paulista, Agnaldo de Carvalho Júnior, previu ontem, que o PDS terá condições de eleger o sucessor de Paulo Maluf se concorrer às eleições de 82 com três sublegendas: uma para o prefeito Reynaldo de Barros, outra para Laudo Natel e a terceira para o ministro do Trabalho, Murillo Macedo.

Agnaldo de Carvalho justificou sua tese dizendo que “com a soma dos votos que Reynaldo de Barros obterá na Capital aos que Natel certamente conseguirá no Interior e aos que o ministro Murillo Macedo terá, por haver instituído o reajuste semestral de salários, o partido do governo conseguirá eleger o futuro governador de São Paulo”. O ex-deputado observou, porém, que se não forem instituídas sublegendas para a eleição de governador, o PDS paulista “deve escolher em convenção o nome de Laudo Natel como seu candidato”.

Por sua vez, o vice-governador José Maria Marin, dizendo contar com o apoio de deputados federais, estaduais, prefeitos, vereadores e delegados de partidos, continua trabalhando como candidato a candidato ao governo do Estado.

“São eles que estão lançando o meu nome à sucessão estadual”, garantiu Marin em Dracena acrescentando que não vai pedir votos a seus companheiros, “pois ainda há um espaço de tempo até a convenção do partido”.

Quanto às declarações do prefeito Reynaldo de Barros — após encontro com o presidente Figueiredo — sobre o apoio do Planalto a sua candidatura, Marin lembra que “o simples fato de um encontro com o presidente da República não pode ser interpretado como apoio a esta ou àquela candidatura. O presidente fez questão de dizer que apoia a todos no partido”, concluiu o vice-governador.

SANTA CATARINA

Já o secretário do Trabalho e Integração Política do governo estadual Catarinense, Fernando Bastos, anunciou ontem ter proibido os integrantes do Movimento Trabalhista Catarinense, ligados ao PDS, de lançarem seu nome como candidato ao governo do Estado. O MTC, do qual Fernando Bastos é secretário-geral, fará uma convenção hoje, em Florianópolis, reunindo mais de dois mil delegados dos 197 municípios do Estado, representando 100 mil trabalhadores.